

ACM conta histórias de sua carreira política

*Senador baiano
lança livro no Rio
na quinta-feira*

CÁTIA SEABRA

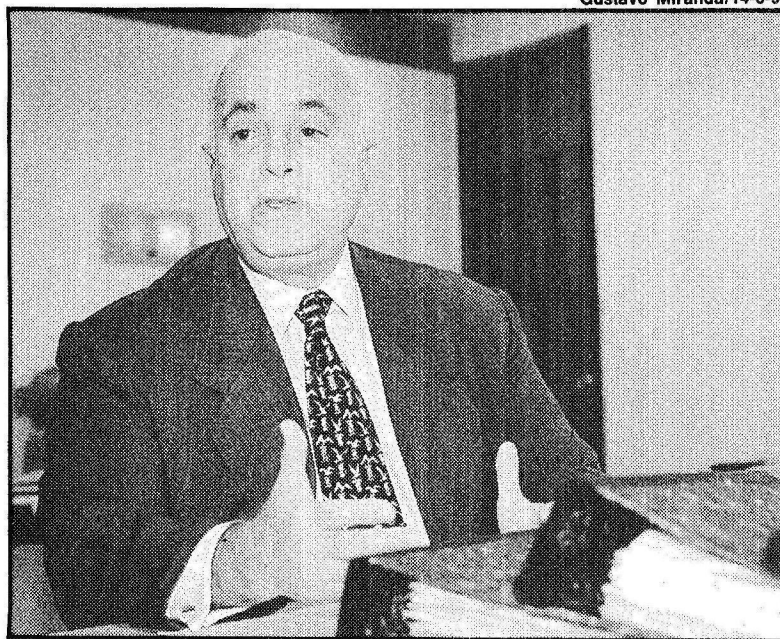
"Fico feliz porque só duas siglas pegaram neste país: JK e ACM", orgulha-se o senador Antônio Carlos Magalhães no livro "Política é paixão", baseado numa entrevista sua de mais de 15 horas. Não é para menos. Em 280 páginas de pingue-pongue, o pefelista prova que sempre atuou nos bastidores da política do país, do regime militar à eleição de Fernando Henrique Cardoso.

Na entrevista, concedida em janeiro aos jornalistas Miriam Leitão, Ancelmo Gois, Marcelo Pontes, Maurício Dias e Rui Xavier, o senador lembra, vaidoso, como conquistou a confiança do ex-presidente Juscelino Kubitschek. Depois de esperar 40 minutos por uma audiência com Juscelino, o então deputado federal Antônio Carlos mostrou sua audácia:

"Não virei mais aqui. Sou deputado e não posso passar mais por essa humilhação".

Foi a partir daí que recebeu o número do telefone do quarto do presidente — 45-6995 — e passou a falar com ele regularmente. Graças a JK, Antônio Carlos também cativou o presidente Castello Branco, que governou de 1964 a 1967. Em 1965, foi encarregado de contar a Juscelino que ele tinha sido cassado. JK xingou Castello Branco, que foi defendido pelo baiano. O telefone estava grampeado e Antônio Carlos faturou politicamente.

Com Jânio Quadros (presidente em 1961), porém, foi diferente. Irritado porque Jânio



Gustavo Miranda/14-6-95

Antônio Carlos: livro com entrevista traz bastidores da política à tona

“Fico feliz porque só duas siglas pegaram neste país: JK e ACM”

“Vaidoso, Itamar exagera sempre no julgamento que faz de si próprio”

Antônio Carlos Magalhães

não tinha reconduzido seu amigo Edgar Santos à reitoria da Universidade da Bahia, Antônio Carlos mandou um telegrama ao presidente. "Disse que seu caráter era igual ao seu Governo, nenhum". Recusado pelos Correios, o telegrama foi publicado nos jornais.

O livro — da editora Revan e com lançamento marcado para quinta-feira, no Paço Imperial, no Rio — mostra que Antônio Carlos, aos 67 anos, continua a escrever um pouco da História do Brasil. Ele revela, por exem-

plo, que recebeu um telefonema de Fernando Collor, um dia após sua absolvição no Supremo Tribunal Federal.

"Não receba ninguém", aconselhou o senador. "Vá à igreja sozinho, mas não tão sozinho que a televisão não o veja".

Hoje conselheiro de Fernando Henrique, Antônio Carlos dá sinais de que não encerrará seu livro tão cedo. Ele não descarta a possibilidade de se candidatar à Presidência em 1998:

"Tudo depende de como as coisas vão caminhar".

*Capítulo especial
é dedicado às brigas
de Antônio Carlos*

Capaz de comprar brigas até com Tenório Cavalcanti em plena Câmara dos Deputados, Antônio Carlos Magalhães mereceu, no livro "Política é paixão", um capítulo chamado "Bom de briga". Ameaçado de morte várias vezes na década de 60 até pelo homem da capa preta, Antônio Carlos obrigou o ex-deputado Pedro Aleixo, seu vizinho na época, a fixar uma placa na sua porta para que não fosse confundido por eventuais assassinos.

"Vou te matar", gritava Tenório, com a arma na mão depois de chamado de ladrão.

Antônio Carlos dita as regras da boa briga: "A primeira é escolher bem os adversários. Se tiver que escolher entre Fernando Henrique e seus ministros, escolho Fernando Henrique; por que vou escolher um ministro?", disse o senador em janeiro, em meio à guerra com o ministro das Comunicações, Sérgio Motta.

Embora diga ter feito as pazes com Paulo Maluf, Antônio Carlos acusa o prefeito de ter financiado um livro contra ele. Já em janeiro o senador condenava ao fracasso o Conselho Político de Fernando Henrique Cardoso e dizia que o presidente deveria ouvir mais os parlamentares. E atacava seu antecessor, Itamar Franco:

— Itamar é um homem bom. Mas não tem nada de excepcional. Tem aparência de humilde, mas é vaidoso. Veste-se mal embora ache que se veste bem. Não sendo nenhum Robert Taylor, se acha bonito. Em suma, exagera sempre no julgamento que faz de si próprio.